

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



SANTOS, Joaquim Felício dos (Serro, 1828 – Diamantina, 1895)

Historiador, romancista, advogado, político e industrial, Joaquim Felício dos Santos nasceu no dia 1º de fevereiro de 1828 em Serro (antiga Vila do Príncipe), Minas Gerais, Brasil. Seus pais foram Antônio José dos Santos, ex-administrador da Casa Fundição do Ouro, e Maria Jesuína da Luz. Santos compunha a elite econômica local. A família dele comercializava ouro, pedras preciosas, e exerceu grande influência política regional no século XIX. Em 1838, seus familiares mudaram-se do Serro para a vizinha Diamantina (antes chamada Vila do Tejuco). Posteriormente, com a crise da mineração a partir dos anos 1870, investiram na indústria têxtil. O historiador fez os primeiros estudos em Diamantina. As séries fundamentais foram concluídas no município de Congonhas do Campo (atual Congonhas). Em seguida, na cidade de São Paulo, no estado vizinho, cursou Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas do Largo de São Francisco. No retorno à Diamantina, Santos passou a advogar e dar aulas de matemática, português, francês, história e geografia (no Seminário Episcopal e no Ateneu de São Vicente).

Em 1860, criou o semanário *O Jequitinhonha* (nome de importante rio da região). De 1860 a 1864, nesta folha, Joaquim Felício dos Santos publicou principalmente comentários críticos ao Segundo Reinado, artigos veladamente republicanos, narrativas de cunho histórico e produções literárias, em forma de folhetim. Depois de quatro anos sem circular, o jornal retorna em 1868 com tom mais radical contra a escravidão, contra a monarquia e de forma mais incisiva pela república, até 1872, quando a folha deixou de existir.

De textos de duas colunas da primeira fase do jornal, com poucas modificações, foram publicados *Acayaca 1729* (1866), em que mescla romance ficcional e história a partir de uma lenda indígena, e *Memórias do Districto Diamantino da Comarca do Serro Frio* (1868), a mais importante contribuição de Joaquim Felício dos Santos para a historiografia. Nesta obra, o autor caracteriza a atuação da Coroa Portuguesa no controle do que era extraído na região diamantina, do século XVIII ao início do século XIX.

Além do uso de documentos de arquivo público (normas, comunicações, nomeações, registos contábeis, inquéritos criminais autos de prisão, processo de separação), Joaquim Felício dos Santos lançou mão de folhetos e fontes orais, para construir sua escrita, cujo estilo foi comparado ao historiador francês Augustin Thierry, conforme prefácio de Joaquim Ribeiro à terceira edição de *Memórias...* (1956). Tais características



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

fizeram com que as páginas do livro abrigassem também atores de camadas sociais mais baixas da sociedade diamantinense. A obra apresenta costumes, conflitos locais, e dá pistas sobre formas de resistências dos setores mais pauperizados, ao retratar personagens populares e marginais, como os garimpeiros, geralmente negros, que sobreviviam fora da lei, a extrair pedras preciosas.

Uma das figuras retratadas no livro foi Francisca da Silva, negra, ex-escrava que se tornou poderosa na sociedade diamantina pelo relacionamento amoroso com o homem mais rico do Brasil à época, o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira. Xica da Silva, cujos descendentes contrataram o advogado Joaquim Felício dos Santos para processos de partilha de bens, tornou-se uma das figuras mais conhecidas na literatura, cinema e teledramaturgia brasileira, sob vários olhares diferentes de distintos autores, a partir do século XX.

Outro personagem de *Memórias...*, embora bem menos conhecido que Xica da Silva, foi Isidoro, escravo de um religioso que vivia da mineração. Acusado de contrabando, o proprietário teve o escravo confiscado e obrigado a trabalhar para a fazenda real, na extração mineral. Isidoro, no entanto, escapou da prisão para liderar uma tropa de garimpeiros escravos fugidos que tinha a simpatia da comunidade. Depois de anos de atuação ilegal, Isidoro foi preso e morto em 1809, ao sofrer três dias de torturas, por se recusar a entregar cúmplices. Assim nasceu o “mártir Isidoro” e a lenda de um grande tesouro de diamantes ainda não encontrado em Minas Gerais. A narrativa de Felício Santos foi construída a partir de fontes orais: “O que acabamos de narrar contará-nos testemunhas fidedignas, imparciais, oculares” (J.F. Santos, *Memórias do Districto Diamantino*, 1868, p. 339).

Em *Memórias...*, a tese central de Joaquim Felício dos Santos é de que o Distrito Diamantino foi governado a partir de uma legislação bastante rígida, algo que teria sido agudizado com o regimento de 1771 de Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). A Coroa, a partir das intendências, governaria a região de forma absoluta, com despotismo, o que pintaria o distrito como uma espécie de “colônia dentro de outra colônia”, termo também repetido no romance que mescla ficção e história, *Acayaca 1729*, escrito a partir de uma lenda indígena.

Raymundo Faoro (1925-2003) foi um dos autores que se utilizou da tese deste “venerando historiador”: “O Regimento Diamantino (...) será o instrumento mais duro, cruel e tirânico dos três séculos de domínio metropolitano. Ninguém goza de nenhum direito, abolido o trânsito de pessoas, sujeitos todos à expulsão e prisão arbitrárias. A autoridade tudo pode, sem respeito a nada e a ninguém (...)” (R. Faoro, *Os donos do poder*, 1975, p.225).

Sem desconsiderar o despotismo português, a historiadora Junia Ferreira Furtado refutou a tese de “colônia dentro de outra colônia”, e de que os abusos e rigores dos administradores atingiriam a todas as pessoas, indistintamente: “Quando se diz que o Regimento e a concentração de poderes que ele possibilitou nas mãos do intendente eram as únicas causas das arbitrariedades e das injustiças cometidas dentro do Distrito, desconhece-se a realidade do resto da Colônia. Na Administração colonial, outros funcionários



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

dispunham de enorme autoridade e regalias, agindo de forma discricionária e cometendo inúmeras arbitrariedades. Os que mais sofriam com este despotismo eram os mais pobres, pois a legislação estava quase toda voltada para a repressão e o controle desta massa de desclassificados e marginais que rondava todas as aglomerações urbanas da Capitania e gerava instabilidade” (J.F. Furtado, *O livro da capa verde...*, 2012, p. 72).

A tese defendida por Joaquim Felício dos Santos estava embasada na seleção de autores cujos trechos de obras destacavam abusos dos funcionários da Coroa ao executar normas do Livro Verde: José Vieira Couto, importante morador da Vila de Tejuco, autor de *Memórias sobre a Capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas*, em 1799; o inglês Robert Southey, *História do Brasil*, vol. III, 1819; e o naturalista francês Auguste de Saint-Hillaire, de *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, 1833. O enquadramento de isolamento e despotismo do distrito utilizado na narrativa de Joaquim Felício dos Santos estaria conectado com as disputas do grupo político deste autor em termos regionais e nacionais no Segundo Reinado, a partir do uso político do passado (E. L. Novaes, *Joaquim Felício dos Santos...*). 2014, p. 93). Ainda em *Memórias...*, o mais importante historiador brasileiro à época, Francisco Adolfo de Varnhagen, é caracterizado como parcial quanto à caracterização de governantes (Conde de Valladares) e sobre a origem da fundição de ferro no Brasil.

Joaquim Felício dos Santos foi deputado no Segundo Reinado, senador na Primeira República e é patrono da cadeira nº 25 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, criado em 1907. Sobre *Memórias...*, diz o historiador Américo Jacobina Lacombe que, “o livro conseguiu, acima de tudo, alcançar o tom de alta seriedade, aliado a um extremo bom-gosto. É, ao mesmo tempo, uma peça de história e uma jóia literária. ‘Reúne ao rigor da história o encanto do romance’, disse dele Capistrano de Abreu” (A. J. Lacombe, *Introdução ao estudo da história do Brasil*, 1973, pp 186-187).

No que diz respeito à escrita em que mistura elementos de ficção e história, Joaquim Felício dos Santos, publicou em *O Jequitinhonha*, respectivamente, a partir de 1862 e de 1868, os folhetins *A história do Brasil escripta pelo Dr. Jeremias no anno de 2862*, e *Páginas da história do Brasil escripta no anno de 2000*. Esta última elaboração é considerada hoje das primeiras obras de ficção científica na América Latina (R. H. Ferreira, *The emergence of Latin American science fiction*, 2011). Em ambas as obras, para criticar o presente (Segundo Reinado) – o autor imaginou um futuro onde Pedro II era visto com muitas críticas negativas, o que faz lembrar a fórmula de Émile Souvestre em *Le monde tel qu'il sera* (1846). Leitor de E. T. A Hoffmann, igualmente escreveu contos, dentre eles, *Os invisíveis* (1861), uma espécie de novela fantástica, em que narra a perturbação de um cidadão que sofre com o que julga serem assombrações.

Bibliografia activa: *Acayaca 1729*. 2ª ed. Ouro Preto, Typographia do Estado de Minas, 1894; *Memórias do Districto Diamantino da Comarca do Serro Frio* (1868), Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868; *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*: Provincia de Minas Geraes. Rio de Janeiro:



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Edições O Cruzeiro, 1956.

Bibliografia passiva: FAORO, *Raymundo, Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1975; FERREIRA, Rachel Haywood, *The emergence of Latin American science fiction*. Middletown, Conn. : Wesleyan University Press, 2011; FURTADO, Junia Ferreira, *O livro da capa verde – o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da Real Extração*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume editora, 2012; LACOMBE, Américo Jacobina, *Introdução ao estudo da história do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973; NOVAES, Eder Liz, *Joaquim Felício dos Santos: republicanismo e cultura historiográfica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História I, 2014; VEIGA, José Pedro Xavier da, *Ephemerides Mineiras, 1846-1900*. Ouro Preto, Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

Daniel Vasconcelos Solon



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

U
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

UIDB/HIS/04311/2013

APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA